



JERUSA  
PIRES  
FERREIRA

LEI TME  
TU DIA  
RAS TAS

# Sumário

Leituras Imediatas: Comunicação e Entendimento . . . . .	9
----------------------------------------------------------	---

## UM GRANDE TEXTO

1. A Literatura de Cordel . . . . .	15
-------------------------------------	----

## LEITURAS IMEDIATAS

1. Bombas Sobre Bagdá e a Literatura do Povo . . . . .	23
2. A Guerra das Malvinas em Cordel e um Jornalismo Popular . . . . .	35
3. Tradição e Vida: Literatura Popular em Verso . . . . .	55
4. O Poeta Popular e a Ordem Social I . . . . .	67
5. O Poeta Popular e a Ordem Social II . . . . .	85

## O ÚTIL E O AGRADÁVEL

1. “Quero Que Vá Tudo Pro Inferno”: Cultura Popular e Indústria Cultural . . . . .	97
2. O Útil e o Agradável: Preceito em “Romance” de Cordel . . . . .	111
3. A Propósito de Leandro Gomes de Barros . . . . .	125
4. Páginas de uma Poética do Oral . . . . .	129

## Leituras Imediatas: Comunicação e Entendimento

Este livro compreende ensaios escritos e publicados em diferentes momentos de percurso, o que evidencia um pensamento, algumas prontas reações e construções teóricas sobre comunicação, arte e cultura.

Ao definir a poesia que chamamos de cordel, procuramos alcançar o sentido que os textos desta tradição popular podem assumir num conjunto de reflexões sobre a cultura brasileira. E ainda nas razões mitopoéticas, seja a elaboração contínua e específica de saberes mais antigos, a perder de vista, conduzidos no presente.

Ao definir cordel, passamos por uma concentração de cogitações sobre o oral/impresso, razões e modos de ser e, para isso, valem os repertórios, a história cultural e a tradição, bem como os estudos mais recentes, que falam sobre corpo e performance.

Observa-se a interação dos sentidos: ver, ouvir o recurso, dizer, a junção de funções cognitivas e sensoriais que, em nossos tempos tão cindidos, costumamos dividir

e esquizofrenizar. Fomos acompanhando a interação de temas, linguagens e expressão poética no universo das culturas tradicionais.

O enfoque se dá pelos caminhos da arte à dimensão comunicacional: questões de produção e de recepção, etapas do processo editorial, em que a memória e os atos transmissivos e seus ambientes estão em causa.

A incorporação de novos meios e sistemas transmissivos comparece neste conjunto de ensaios. O fato social das migrações, sua condição, marcas identitárias não poderiam estar ausentes deste corpo de textos. Alguns deles aqui revistos e republicados têm data bem definida e correspondem a posições de momento. São, por assim dizer, e por isso mesmo, leituras imediatas. Mas carregam por sua vez inventários, documentos, propostas que foram sendo construídos em muitas ocasiões, cuja atualidade não se contesta.

Assim, uma discussão sobre práticas e “ideologias”, singularidades da poesia popular e a constatação de sua presença em movimento, ao invés da morte tão apregoada dessa poesia.

Os materiais em elenco e os exemplos oferecidos, referem-se ainda às vivências da autora e dos poetas populares em São Paulo, contemplando de forma mais sistemática as migrações, e ainda as poéticas da diáspora nordestina.

O apuro de uma consciência crítica e política se reforça, quando da participação no Grupo de Estudos Sociologia da Cultura Brasileira, dirigido no CERU-USP por Maria

Isaura Pereira de Queiroz, na década de 1980, cuja visada moderna intuía sempre uma rede de relações previstas ou suspeitadas, por exemplo, com a cultura de massas.

Comparecem aqui também textos reativos sobre a Guerra das Malvinas e a chacina do Iraque.

Duas sequências nos trazem ainda incursões, sob o pretexto de discutir provérbios, tão presentes no universo popular e a eficácia de verdadeiros acontecimentos que aproximam a tradição da mídia.

UM GRANDE TEXTO

## I

# A Literatura de Cordel

Quando nos situamos frente à literatura de cordel brasileira (denominação hoje aceita e alcançando em si mesma grande diversidade) estamos diante de um grande painel da vida popular, daquilo que é documento/história e ainda de complexa teia imemorial que se expressa através de *mitopoéticas*. Impressa e oral, ao mesmo tempo, lidando com conceitos especiais e próprios de leitura e recepção, este conjunto se oferece, em sua unidade e diferença, como um “grande texto”. Faz passar uma voz constante do popular ao popular, diante das demandas de um público que ainda lê, ouve as histórias ou segue os sucessos (acontecimentos) ou disputas, mesmo hoje. O importante é que esta conjugação do oral e do impresso se dá, conservando sempre a malha de um repertório comum, de certo modo coletivo, que é também individualizado por cada criador. Estamos diante da complexidade de antigos saberes, da manutenção de gêneros preservados, em verso, e da transformação imposta pelas instân-

cias modernizadoras. Ancorada na performance, no gesto, no corpo, esta literatura remete à imagem e à conjunção com outras artes, e se faz imediata.

É a denominação corrente para um tipo de poesia popular nordestina ou daí proveniente, impressa sob a forma de folhetos, expressando os valores mais tradicionais dessa cultura. Geralmente era vendida em feiras, mercados populares ou nas grandes concentrações nordestinas das grandes cidades do Centro-Sul.

De uns tempos para cá, o termo *cordel* vem sendo incorporado ao vocabulário corrente de grande quantidade de pessoas de vida urbana no Brasil. Esta denominação, que pretende expressar uma importante espécie de arte popular, um poderoso veículo de comunicação e que hoje cobre grande diversidade, não surgiu por parte dos poetas populares, seus produtores iniciais, mas terá nascido de críticos e de estudiosos do assunto, que tomaram a questão em suas origens. Em Portugal, era *cordel*, na Espanha, *pliegos sueltos*, o que corresponde mais ou menos e em outra escala ao *colportage* da França.

É feita uma distinção entre o folheto de 8 e 16 páginas e os romances e estórias (32, 48 e até 64 páginas), dando-se nesta última modalidade maior fôlego ao poeta para *versar* estórias longas e de enredo mais complexo, que hoje, por vários motivos, inclusive o econômico, vão rareando e cedendo lugar ao folheto de 8 páginas.

Na Bahia, essa literatura era conhecida por uma das suas modalidades, abecês, e até por arrecifes, o que reme-